

## **A MENINA QUE SE DESCOBRIU EM SEU CABELO: CAMINHOS PARA A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DE UMA MULHER/EDUCADORA NEGRA**

LUIZE FERREIRA DIAS<sup>1</sup>

JOSÉ VALDIR JESUS DE SANTANA<sup>2</sup>

### **Como tudo começou...**

O tema a ser discutido neste texto partiu de uma experiência pessoal e da relação que estabeleci com as crianças durante minha trajetória profissional. Comecei a lecionar muito cedo, logo depois de concluir o curso de magistério, aos 18 anos. Minhas primeiras experiências profissionais aconteceram em escolas privadas e o meu primeiro emprego já era para custear a mensalidade do cursinho pré-vestibular, já que minha meta era ingressar na universidade. Prestei vestibular para Pedagogia nas universidades mais próximas da minha cidade: Universidade Estadual de Santa Cruz - UESC e Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB, sendo aprovada na primeira citada. Ingressar na Universidade sempre esteve nos meus planos e no meu desejo, ressalto que sou uma das primeiras da minha família a cursar o ensino superior.

No ano de 1999 começa uma longa e difícil jornada para concluir o ensino superior, saía da minha cidade Ipiaú, às 16:30 e só retornava às 12:30. Nos dias que transporte quebrava na estrada este horário se estendia. Foram 4 longos anos fazendo malabarismos financeiros e driblando o difícil acesso às produções acadêmicas, além da pouca vivência universitária. Mesmo sendo

---

<sup>1</sup> Graduação em Pedagogia - UESC, especialização em Educação Infantil – UESC, mestrando no Programa de Pós-Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia.

<sup>2</sup> Doutorado em Antropologia Social pela Universidade Federal de São Carlos. Pós doutorando em Educação e Contemporaneidade pela Universidade do Estado da Bahia, sob supervisão da Dr<sup>a</sup> Lívia Alessandra Fialho da Costa. Professor Titular da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, onde atua nos Programas de Pós-Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade e Programa de Pós-Graduação em Ensino. Coordenador do Grupo de Pesquisa em Etnicidades, Relações Raciais e Educação (UESB/CNPQ). E-mail: [jsantana@uesb.edu.br](mailto:jsantana@uesb.edu.br)



jovem com apenas 19 anos, já dividia minha vida acadêmica com uma jornada de trabalho dando aula para crianças do Ensino Fundamental. Por muitas vezes me via no pátio da UESC tendo que escolher entre xerocar textos indicados pelos docentes ou me alimentar.

Minha formatura foi um marco para mim e minha família, aquele diploma não era só meu, mas de muitas mulheres que vieram antes de mim e me impulsionaram a ocupar aquele lugar. Por muitas vezes via no olhar das pessoas ou nas expressões, a dúvida ou a ideia de que eu não ia conseguir, não ia chegar muito longe.

Continuei minha trajetória dando aulas em escolas privadas e fazendo substituições para professoras da rede pública. Voltei para Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC para fazer a especialização em Educação Infantil e, neste momento, tive que abrir mão do meu emprego numa escola privada já que não houve liberação para que eu passasse uma semana, todo mês, fora da minha sala de aula para cursar uma especialização. Durante o curso entendi em qual modalidade eu iria atuar, me apaixonei pelas crianças e pelas possibilidades que elas traziam para minha trajetória. Não sei se eu escolhi a Educação Infantil ou ela me escolheu, mas o universo infantil me prendeu e me fez querer estar sempre perto das crianças de 0 a 5 anos.

Neste momento da minha vida já tinha o desejo de continuar minha vida acadêmica e o desejo de ingressar no mestrado já ocupava meus planos para o futuro. Contudo passei a me dedicar ao trabalho, casei e a continuidade da vida acadêmica parecia distante. Fui aprovada no concurso público em 2007, indo atuar como coordenadora pedagógica numa escola de educação infantil, construída para atender crianças de 4 e 5 anos num bairro periférico da cidade de Ipiaú. Comecei a ter consciência da função social que tinha o meu trabalho para aquela comunidade tão carente em seus diferentes aspectos: políticos, sociais, emocionais, entre outros.

Em 2008 nasce minha primeira filha e o maternar me faz refletir como aquelas crianças mereciam e tinham o direito de ter uma educação de



qualidade, começa então minha militância em defesa das crianças de 0 a 5 anos do meu município.

O nascimento do meu segundo filho traria para minha vida um marco divisor: minha transição capilar. Tive uma enorme queda de cabelo o que me impossibilitou de usar química, hábito que eu tinha desde os 14 anos de idade e que fazia a cada 3 meses, quando a raiz do meu cabelo ia ficando "inchada". Descobrir os alisantes aos 14 anos e, desde então, escovava meu cabelo toda semana, impreterivelmente. Mesmo com a impossibilidade de usar química, continuava escovando semanalmente e pranchando a raiz que já estava muito crescida.

Durante um feriado, em uma viagem feita ao litoral, redescobri meu cabelo com ondas e cachos na raiz até metade das pontas. Me dei conta que tinha um cabelo cacheado e que nem me lembrava mais como ele era e como era sua textura. É importante destacar que meu comportamento com relação a minha identidade era resultado da atuação, no plano subjetivo, das colonialidades, sobretudo da colonialidade do ser (MALDONADO-TORRES, 2019), que atua no sentido de negar a nossa humanidade, beleza, tendo em vista que o que é considerado belo remete à matriz europeia, que dita um padrão de estético de beleza. Por muitos anos de minha vida tentei seguir este padrão, desta forma era como se eu ainda não tivesse uma identidade construída.

Nilma Lino Gomes (2002), em seu artigo "Corpo e cabelo como símbolos da identidade negra" destaca:

O importante papel desempenhado pela dupla cabelo e cor da pele na construção da identidade negra e a importância destes, sobretudo do cabelo, na maneira como o negro se vê e é visto pelo outro, inclusive aquele que consegue algum tipo de ascensão social. Para esse sujeito, o cabelo não deixa de ser uma forte marca identitária e, em algumas situações, continua sendo visto como marca de inferioridade (GOMES, 2002, p. 02)



Nesse sentido, segundo Gomes (2003, 2017), o corpo e o cabelo são símbolos importantes para a construção da identidade negra. Por outro lado, o racismo à brasileira tem como alvo principal o corpo e cabelo crespo, como já chamou a atenção Oracy Nogueira (2006).

Meu cabelo era um elemento de insatisfação já que mudei sua forma por muito tempo e por vezes um motivo de não aceitação nos ambientes nos quais eu transitava. Somente com a impossibilidade de continuar usando química, comecei meu forçado processo de transição capilar. Outra saga se inicia: procurei um salão que prometia cachear os cabelos ainda com química, fiz o procedimento e como resultado tive mais uma queda de cabelo. Depois deste episódio comecei a procura por produtos que entendesse minha necessidade que naquele momento era diminuir o volume e deixar o cabelo no lugar, ainda seguindo um padrão europeu. Tudo isso foi importante porque descobri que não conhecia a textura e o fio do meu cabelo, ainda não entendia que o volume era o que tinha de melhor.

Neste momento começo entender alguns processos que até então estavam adormecidos, começo a me reconhecer com características específicas, que remetiam a minha identidade negra e ao meu próprio corpo. A partir deste momento tenho um olhar diferenciado sobre as meninas e meninos negros da creche que coordenava, vale ressaltar que não somente do ponto de vista pedagógico, mas também do ponto de vista emocional, já que começo recordar e visitar minha infância.

O meu cabelo foi uma característica marcante para o meu reconhecimento enquanto mulher negra, minha transição capilar também foi uma tomada de consciência sobre quem eu era neste mundo e qual a minha função como educadora negra.

No ano de 2019 fui convidada a coordenar a Creche Municipal Mãe Admirável, um espaço educativo que até então nunca tinha tido uma coordenação pedagógica específica. Esta função era exercida por direção, vice direção e/ou supervisão. Com 12 anos na rede municipal, já acumulava



algumas experiências pedagógicas em educação infantil (pré-escola), ensino fundamental I, mas nunca em creche.

Nesse período, já com uma consciência racial diferente e me entendendo como mulher e educadora negra, passo a olhar para aquelas crianças de forma diferente. Ao chegar na creche percebi como as questões raciais estavam implícitas nas práticas docentes. Refiro-me a comportamentos e não a reflexões em torno da temática, ou seja, existe um comportamento legitimado pela branquitude, que faz com que professores e professoras se comportem de forma racista, ainda que se diga não ser intencional, como já demonstrou Cavalleiro (2023).

Outro destaque pode ser dado a ausência de referências para aquelas crianças negras. Nas histórias que são contadas não existem personagens negros, os corpos apresentados não exibem a pele negra, sem falar numa representação estereotipada ou associada ao negativo.

O comportamento dos profissionais que atuam nesta etapa de ensino também diz muito sobre como a escola lida e acolhe estes pequenos corpos negros. Por muitas vezes as meninas negras chegavam com seus cabelos crespos ou cacheados soltos e logo ao adentrar aquele espaço, um adulto dava um jeito de prender. Cavalleiro (2023, p. 65) destaca em sua pesquisa que "ao presenciar essas situações, nas quais a obrigação de manter preso o cabelo é imposto às meninas negras, imaginei como essa ideia estaria sendo assimilada pelas crianças". Volto para minha infância, especialmente para minha vida escolar, e recordo como meu cabelo estava sempre bem penteado e preso, minha mãe dedicava-se muito aos meus penteados, o que gerava elogios.

De alguma forma o padrão imposto me levou a não-aceitação e ao não reconhecimento de minha identidade, o que me faz lembrar de uma festa que fui de cabelos soltos e de quão incomodada fiquei durante aquele evento, lembro-me que logo em seguida comecei alisá-lo.





Outro dado que pude constatar enquanto coordenadora pedagógica foi o fato de as crianças negras serem menos acolhidas. Nesse momento já havia conhecido ODEERE (Órgão de Educação e Relações Étnicas) e começo acessar materiais que evidenciam aquilo que vivia na prática. Lembro-me de um outro espaço que coordenei e da relação que uma professora estabeleceu com um menino negro de 6 anos: diariamente ele era levado para a coordenação e em determinado dia encontrei a cadeira dele afastada de todos os outros estudantes e ao ser questionada, a professora disse que ninguém estava suportando aquele menino. Segundo Araújo e Gomes (2023), pesquisas da década de 1990 apontam que docentes discriminam mais as crianças negras do que as outras crianças. Naquele momento não associei o comportamento da professora ao fato de ser de uma criança negra, mas hoje entendo como crianças negras são violentadas pelo racismo e preconceito racial, no contexto escolar, que se expressa desde a distribuição desigual de afeto a essas crianças, como demonstraram Cavalleiro (2001, 2023) e Oliveira (2004) a situações de naturalização das violências que recaem sobre essas crianças no contexto escolar.

Percebo que, apesar da temática racial sempre atravessar minha vida e interferir diretamente na minha prática pedagógica, acessar referenciais acadêmicos que tratem da temática é essencial para que haja uma mudança de paradigma na educação de crianças pequenas. Recordo de um momento em que uma professora solicita um EVA cor de pele e imediatamente respondo a ela: De qual pele estamos falando, que corpo a senhora pretende representar? Refletir sobre o corpo é fundamental na educação infantil, posto que segundo Gomes (2017) ele pode nos falar de processos emancipatórios e libertadores, assim como reguladores e opressores. Daí a importância da criança se ver representada desde pequena, ou seja, não se faz educação sem considerar o corpo e todas suas marcas, especialmente quando falamos de corpo negro que sempre foi sinal de resistência.



Sigo minha trajetória profissional e percebo a ausência de livros afro referenciados e, por isso, começo a construir minha própria biblioteca, adquirindo obras como: Com qual penteado eu vou? O mundo no black power de Tayó, O black power de Akim todos de Kiussam de Oliveira; Meu Crespo é de Rainha – Bell Hooks, O pequeno príncipe preto de Rodrigo França, Amoras, Foi assim que eu e escuridão ficamos amigas ambos de Emicida, Sulwe de Lupita Nyong'o, Amor de cabelo de Mathew A. Cherry, As tranças de minha mãe, Makenba vai à escola, Tunde e as aves misteriosas, todos de Ana Fátima, Sinto o que sinto e a incrível história de Asta e Jaser de Lázaro Ramos. Durante a pandemia desenvolvi um projeto na Creche que coordenava com o intuito de trabalhar com as emoções e estabelecer um elo entre a creche e as crianças. Começo também adquirir bonecas e bonecos negros para compor meu pequeno tesouro que passa a me acompanhar nas minhas contações de histórias. Em novembro de 2022 construo uma mala com livros e bonecos/as afro referenciados.

## **Cenas de minhas andanças e contação de histórias...**

### **Experiência/Cena 01**

Era semana da Consciência Negra e como sempre fui convidada para contar histórias para crianças da educação infantil de uma escola municipal. Logo na chegada me deparo com o discurso de uma professora que diz não precisar desta semana, que deveria haver respeito entre todos e que não via necessidade desta discussão. Respirei fundo e foquei nas crianças. contei Meu Crespo é de Rainha de Bell Hooks e, durante a contação, as crianças fitaram os olhos em mim, mas tinha uma menina negra, retinta e com cabelos crespos que me chamou a atenção, ela nem piscava. Eu sempre levava uma coroa, para ilustrar minha história, mas naquele dia tive uma ideia e disse: Menininha, você é uma gracinha! Nosso crespo é de rainha! Ela fez uma expressão de surpresa e disse: Eu? Afirmando com a cabeça disse: Sim! Ela



veio até a frente e foi coroada seguida de aplausos das outras crianças. Toda vez que conto esta história ofereço uma coroa para uma criança que me chama atenção e finalizo confeccionando coroas de papel com todos os participantes.

### **Experiência 2:**

Um outro momento arrumei o cenário com todos os livros e bonecas/bonecos que tenho e fiquei esperando as crianças entrarem. Quando o grupo chegou, as crianças curiosas começaram olhar os livros, bonecas, bonecos... até que um menino negro encontrou com boneco de amigurumi, que mandei fazer inspirado no livro O pequeno príncipe preto e disse: Que Lindo! E abraçou o boneco. Quando vi a cena, disse: Ele parece com você. Logo um sorriso se abriu e ele disse: É mesmo! Durante todo tempo que ele ficou naquele espaço, segurou o boneco. Ao final, ao nos despedirmos eu disse para ele: Nunca esqueça o quanto você é lindo, é especial. Nos abraçamos e eu tive o desejo de distribuir vários bonecos daqueles para todas as crianças que eu encontrasse.

### **Experiência 3:**

Desta vez foi a história de Nina, uma menina que depois de ouvir uma história contada pela sua professora deveria escolher uma cor de lápis que parecesse com a cor de sua pele. Propus às crianças que escolhessem uma cor para pintar uma imagem do corpo que também parecesse com a sua. Disponibilizei um lápis de cor com várias opções de tons de pele e pedi que cada uma escolhesse a que mais se parecia com a sua. Uma das crianças, um menino negro, escolheu o lápis de cor preto e se auto declarou preto. Um outro menino de cor clara escolheu um lápis numa tonalidade marrom e logo a primeira criança disse que ele era branco, que o braço, a testa e a





bochecha eram brancas. Me chamou muito atenção a insistência da criança negra em afirmar que seu amigo era branco.

Diante das experiências citadas neste trabalho podemos identificar alguns pontos no que se refere a relação entre as crianças, especialmente as negras e os espaços educativos.

É possível constatar que a educação infantil brasileira ainda tem dificuldades para identificar os problemas que podem surgir em relação às discussões sobre relações étnico-raciais e ainda como o silêncio dos educadores interferem diretamente para aumentar o preconceito e a discriminação nestes espaços. Segundo Cavalleiro (2023, p. 98), “a escola oferece aos alunos, brancos e negros, oportunidades diferentes para se sentirem aceitos, respeitados e positivamente participantes da sociedade brasileira”. Ademais, conforme a pesquisadora, “a existência do preconceito e de discriminação étnicos, dentro da escola, confere à criança negra a incerteza de ser aceita por parte de professores” e, com isso, os processos de exclusão e abandono da criança negra no contexto escolar são produzidos sistematicamente.

As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil afirmam que as instituições de educação infantil devem construir

[...] novas formas de sociabilidade e de subjetividade comprometidas com a ludicidade, a democracia, a sustentabilidade do planeta e com o rompimento de relações de dominação etária, socioeconômica, étnico-racial, de gênero, regional, linguística e religiosa” (BRASIL, 2010, p. 17).

Ou seja, as referidas diretrizes reconhecem que a educação infantil deve ser um espaço de valorização das crianças, que deve reconhecer e valorizar a diversidade étnico-racial que compõem as instituições escolares e assegurar a todas as crianças que suas identidades sejam construídas de forma positiva.



No que diz respeito à educação infantil, o Plano Nacional de Implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana (BRASIL, 2013) apresenta algumas ações consideradas centrais para a construção de uma educação antirracista, entre as quais se destacam:

- a) Ampliar o acesso e o atendimento seguindo critérios de qualidade em educação infantil, possibilitando maior inclusão das crianças afrodescendentes; b) Assegurar formação inicial e continuada aos professores e profissionais desse nível de ensino para a incorporação dos conteúdos da cultura afro-brasileira e indígena e o desenvolvimento de uma educação para as relações étnico-raciais. [...] (2013, p. 49).

As crianças, ainda que bem pequenas, já interiorizam a ideia de uma identidade étnica/racial positiva ou negativamente dependendo das situações ou referências na qual são expostas (ROSEMBERG, 2012; BENTO; 2012). Destaco ainda a importância de uma escola de educação infantil bem referenciada onde as crianças possam se reconhecer positivamente nos diferentes espaços e atividades. É essencial que este ambiente dedicado às crianças tão pequenas entenda seu papel, acolha as diferentes infâncias e a compreenda como um conceito plural com especificidades, aproximações, diferenças e pontos comuns.

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Marlene de; GOMES, Nilma Lino. Infâncias e relações étnico-raciais: a tensa luta pela garantia de direitos em tempos antidemocráticos. In: GOMES, Nilma Lino; ARAÚJO, Marlene de (Orgs.); **Infâncias Negras: vivências e lutas por uma vida justa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2023.

BENTO, Maria Aparecida Silva. A identidade racial em crianças pequenas. In: BENTO, M. A. S. (Org). **Educação infantil: igualdade racial e diversidade**. São Paulo: CEERT, 2012.



BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil.** Secretaria de Educação Básica, Brasília: MEC, SEB, 2010.

BRASIL, **Plano nacional de implementação das diretrizes curriculares nacionais para educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana.** Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. Brasília: MEC, SECADI, 2013.

CAVALLEIRO, Eliane dos Santos. **Do silêncio do lar ao silêncio escolar:** racismo, preconceito e discriminação na educação infantil, 6. ed. São Paulo: Contexto, 2023.

CAVALLEIRO, Eliane dos Santos. Educação anti-racista: compromisso indispensável para um mundo melhor. *In:* CAVALLEIRO, Eliane dos Santos (Org.) **Racismo e anti-racismo na educação:** repensando nossa escola. São Paulo: Selo Negro, 2001.

GOMES, Nilma Lino. **O Movimento Negro educador:** saberes construídos nas lutas por emancipação. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

GOMES, Nilma Lino. Educação, identidade negra e formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.29, n.1, p. 167-182, jan./jun. 2003.

MALDONADO-TORRES, Nelson. Analítica da colonialidade e da decolonialidade: algumas dimensões básicas. *In:* BERNADINO-COSTA, Joaze; MADONADO-TORRES, Nelson; GROSFUGUEL, Ramón (Orgs.). **Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico.** Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

NOGUEIRA, Oracy. Preconceito racial de marca e preconceito racial de origem: sugestão de um quadro de referência para a interpretação do material sobre relações raciais no Brasil. **Tempo Social, Revista de Sociologia da USP**, v. 19, n. 1, p. 287-308, 2006.

OLIVEIRA, Ednalva Rodrigues de; ARAUJO, Jaqueline Rodrigues de Oliveira Araújo. O cabelo crespo e a representação social na Educação Infantil. **VI Congresso Nacional de Educação.** Fortaleza - CE de 24 a 26 de outubro de 2019.

ROSEMBERG, Fúlvia. A criança pequena e o direito à creche no contexto dos debates sobre infância e relações raciais. *In:* BENTO, M. A. S. (Org). **Educação infantil:** igualdade racial e diversidade. São Paulo: CEERT, 2012.